

Turma de 1927

ESCOLHA DO PARANYMPHO

Em reunião realizada no dia 19 de maio, os doutorandos de 1927 da Faculdade de Medicina de S. Paulo escolheram para seu paranympo de formatura o professor Rubião Meira, cathedratico da 3.^a cadeira de Clinica Medica.

A' noite, os doutorandos foram á residencia do illustre professor, communicando-lhe que acabavam de elege-lo seu padrinho de turma.

Nessa occasião, o academico Luiz Gonzaga Ramos de Oliveira pronunciou o seguinte discurso:

"Prof. Rubião: — Viemos hoje á vossa presença para annunciar-vos officialmente a grata noticia de que fosteis escolhido para paranympo da turma de que fazemos parte e ao mesmo tempo traduzir o sentimento unanime dos doutorandos deste anno, transmittindo-vos a expressão sincera da grande sympathia que vos tributamos.

Não quero utilizar-me, para esse fim, de florilegios de inutil rethorica, mas empregar sómente palavras simples e despretençiosas que têm, no emtanto, a vantagem de serem emanadas do fundo do coração e da alma.

Perdoem-me os meus collegas se não dou perfeito e cabal desempenho á missão que me confiaram. Attentem, porém, que fui escolhido á ultima hora e que os sentimentos profundos, sinceros e verdadeiros são ineffaveis e não ha termos que os traduzam por mais carinhosa que seja a sua escolha. Arrisca-se, ainda, certamente, quem se proponha semelhante tarefa a que a obra executada, ao sahir do dominio do concepçional para o real, seja um aleijão em frente ao ideal que o moveu.

E' um principio da "recta ratio factibilium", mórmente quando pretendemos dar ás nossas

manifestações uma significação mais alta, uma inflexão mais profunda como sóe acontecer no momento presente.

Nós queremos homenagear não sómente o professor emerito que nos dá as mãos no labyrintho intrincadô da sciencia, não sómente o mestre de largo descor-tinio que não esconde o seu saber, mas tambem o nome nacional que tem sabido elevar a medicina brasileira no conceito universal.

Lembrando-nos de alguns casos que não se apagam em nossa memoria, como o caso Fedor Krause, as nossas homenagens tomam tambem o caracter de verdadeiro e são patriotismo.

Patriotas são todos aquelles que, despresando prooccupações subalternas, como ultimo gesto nos bancos academicos, se declararam abertamente pelo professor Rubião. Além disso, rendemos tributo ao amigo de sinceridade incontrastavel, cujo apoio despretençioso nunca nos faltou nas occasiões difficeis que por muitas vezes atravessamos, cujo exemplo tem guiado numerosas turmas para a conquista final, servindo de reconforto aos desfallecidos Moraes e dando a mão bondosa aos faltosos de forças no seio da jornada.

E' considerando isso que nós vos queremos como paranympo dos nossos corações e vos hypothecamos o nosso apoio incessante e incondicional.

Sabemos perfeitamente que, ao sahir da Faculdade, todos os campos abertos á nossa actividade são campos de lucta. Pois bem; duas grandes aspirações nos moveram: uma já quasi transformada em realidade: é o ideal de Bandeirante e, como outros tantos Fernão Dias Paes Leme, caminhamos para a conquista do sonho verde, da pedra da esmeralda; outro é que no duello inexoravel dos egoismos,

no antagonismo irreductivel dos interesses, no conflicto das ambições, possamos nos habituar a procurar-vos como a um amigo sincero a quem possamos confiar os louros das nossas victorias ou os espinhos das nossas derrotas.

Queremo-vos como um amigo de sempre e de todos os dias. Queremo-vos como o pharol que nos ha-de guiar no pesadello monstruoso dos primeiros passos e como o mes're a quem possamos sempre recorrer. Queremo-vos afinal como realmente sois”

Muito commovido, o professor Rubião pronunciou um discurso, que é verdadeira peça de civismo e de moral, em que ditou uma série de salutaes conselhos aos futuros medicos.

Depois, o estimado professor offereceu, no seio de sua exma. familia, uma encantadora festa aos seus discipulos.

OS HOMENAGEADOS

Na mesma reunião de 19 de maio, os doutorandos resolveram prestar homenagens aos professores Niculau Moraes Barros, Borges Vieira, Celestino Bourroul, Enjolras Vampré, Flaminio Favero e Alves de Lima, cujos retratos figurarão no seu quadro de formatura.

Ao ser communicada essa resolução ao prof. Flaminio Favero, o doutorando João Alves Meira pronunciou as seguintes palavras:

“Senhor Professor.

Trago-vos, eminente mestre, encarregado pelos doutorandos de 1927, a communicação da escolha de vosso nome para figurar no quadro dos novos medicos, como homenagem que lhe prestam ao sair desta Faculdade.

Não deve estranhar-vos essa essa nossa decisão, porque vós tudo fizestes para merecel-a e continuaes a merecer tudo da juventude, que ouve vossas sa-

bias lições e segue os vossos lidosmos conselhos. Vosso nome é respeitado entre os estudantes como representativo da intelligencia culta alliada á força pujante do trabalho.

Estivestes nos bancos em que nos assentamos; já sentistes, ha bem pouco tempo, as impressões que descem sobre a vossa alma ao defrontar com a superioridade dos mestres; inda tendes no animo os rythmos descompassados da emoção ao olhar a estrada seguida; inda sois, embora grande professor, alumno como nós, porque sois moço e tendes o espirito passado dos enthusiasmos dos que aprendem, embora ensinem.

Subistes cedo e attingistes ao cimo do capitolio, mas guardastes sempre o carinho e a amizade para os que se iniciam sob vossas vistas, que não se obliteraram deante da grandeza de vossa posição.

E' que sois bem bom, na extensão da palavra, e vossa philosophia é feita de transigencia e tolerancia— ensinando-nos e conformando-nos, iniciando-nos e acompanhando-nos, corrigindo-nos e estreitando-nos ao peito, nos amplexos de verdadeiro amigo.

Sois o typo do Professor: á erudição vasta de vosso espirito, á dialectica facil de vossa palavra encantadora, á catadupa de vosso ensino que cae sobre os nossos ouvidos maravilhando-nos, reunis os dotes de coração, a bondade, a ternura, todas essas manifestações do sentimento que commovem a mocidade e a prendem nos liames de sympathia e amizade.

Foi esse o motivo que nos fez prestar um preito á vossa figura de mestre; essa a razão que nos levou a homenagear o discipulo amado de Oscar Freire e o continuador de sua Escola, vós, que consubstanciaes, neste momento, as esperanças da medicina legal em nosso territorio.



PROF. RUBIÃO MEIRA, director da
"Revista de Medicina" e paranympo da
turma de 1927

Recebei-o com o carinho habitual com que estaes acostumado a receber as manifestações dos moços, que, apreciando-vos e justificando o vosso merecimento, fazem votos para que continueis a derramar sobre nós as torrentes de vosso ensinamento, envoltas no turbilhão de vossa bondade.”

Ao professor Moraes Barros foi o doutorando Luis Maragliano Junior que fez a communição da homenagem. Foram estas as suas palavras:

“Professor Moraes Barros.

Sempre que um alumno interrompe o Mestre que lecciona; sempre que por qualquer motivo oriundo do jovem que aprende, a palavra do Professor se susta na carreira em que vai, facil e seductora, ha como que uma parada de todos os corações presentes.

Mestre e alumnos, todos se entreparam surprezos, na espera fatal da corrigenda que ha de vir. E o proprio reu que sempre temeu ao Diabo, prefere, no momento, a este do que á tortura dos instantes por que vae passar.

Porque interromper um Professor é proeza que somente aos ousados costuma saber bem. E eu nunca fui ousado de causa propria e esta minha audacia e antes obra dos collegas. Foi porque elles viram em mim o bóde expiatorio desta empreza, que eu aqui estou, resignado mas contente, fazendo jús ás suas consequencias.

Professor: eu vos trago o desejo de nós todos. Certo não serei eu o interprete fiel desta turma que encontrou na vossa pessoa o Mestre amigo e carinhoso. Mas a sinceridade que é minha e é della tambem, quando para outra cousa não servisse, aqui entraria em argumento de defeza.

Nós quizemos, em reunião que foi feita ha 2 dias, enfeixar num mesmo abraço de despedida, na

ocasião em que esta chegar, e ao lado do nosso paranympo, esse punhado de Mestres e Amigos que viemos encontrando nesta jornada que começou ha quasi seis annos atraz e que ora se encontra quasi vencida. Vos fostes um dos ultimos que encontramos no caminho. Vós nos esperastes na ultima curva para nos acompanhar na ultima etapa. E vós nos levareis, junto ao nosso paranympo, até á porta final. E será o vosso um dos ultimos abraços que iremos levar na lembrança, quando nos atirmos para a Vida, na conquista do amanhã. Certo isso não é uma qualidade. E' uma simples questão de disposição.

Mas é porque sentimos no vosso abraço uma qualquer cousa do desejo que sejamos felizes, tão felizes, quanto vós o sois (eu vos imagino feliz; não me tireis desta crença); mas é porque encontramos nas vossas palavras o exemplo para o estudo, para a constancia no officio, para a confiança em nós mesmos; mas é porque vemos em vós um pouco do pae espiritual que os estudantes sempre encontram nos Mestres, que este desejo nos saltou á lembrança.

Um instante chegará para nós, para esta turma que agora se instrue comvosco, em que devamos nos separar para sempre, cada qual para o seu destino. E esse instante nós o queremos bastante alegre, porejando alegria, cheio de risos, porque não sabemos o que nos reserva o futuro. E é nesse momento em que as nossas mãos se irão apertar em despedida mutua, que desejamos a presença tambem daquelles que nos adestraram para a luta. Nós queremos no instante ultimo da despedida, e como uma homenagem a elles, o abraço dos Mestres que mais souberam falar ao nosso coração de jovens, sempre propenso aos devaneios e quasi sempre avesso ás asperzas do raciocinio.

Será esse abraço o nosso testemunho de reconhecimento; se-

rá esse abraço os votos de boa-viagem do Mestre; será esse abraço a lembrança que ficará na memoria.

Junto ao nosso paranympo, um punhado de Mestres virá dizer-nos os adeuses da despedida. Vós estaes nesse punhado.

Certo não vos esquivareis de, nesse momento, vir trazar-nos a vossa ultima palavra, o vosso ultimo conselho, o vosso ultimo encorajamento. Se é certo que os estudantes sempre são um pouco de filhos espirituaes dos mestres, levae em conta que aos filhos costumam ser doces como uma bençãam as despedidas dos paes.

Iremos homenagear o vosso nome de Professor. Nessa resolução nós pretendemos affirmar-vos a nossa consideração e o nosso agradecimento para com-vosco. Vós, acceitando-o, tereis feito nessa acquiescencia a demonstração de que soubestes vos aquilatar da sinceridade e expontaneidade do nosso gesto.

Aqui tendes, Professor, o motivo que me traz á vossa presença. Perdoae, na sinceridade destas palavras, o máu desempenho desta missão, para mim immensamente grata e envaidecedora.”

ALMOÇO

Aproveitando-se, da passagem da data anniversaria do professor Rubião Meira — 4 de junho — os doutorandos offereceram, nesse dia, um almoço no Hotel Esplanada ao seu paranympo e aos homenageados profs. Celestino Bourroul, Enjolras Vampré, Alves de Lima, Flaminio Favero, Borges Vieira e Nicolau Moraes Barros.

O almoço se realizou debaixo de uma atmospherã de cordialidade e alegria e foi abrilhantado com a presença do prof. Antonio Austregesilo, cathedrãtico de Neurologia da Faculdade de Medicina do Rio.

O prof. dr. Rubião Meira foi saudado pelo doutorando Cyro

de Barros Rezende, que pronunciou o seguinte discurso:

Exmo. Senhor paranympo — Illustrados professores. — Senhores. Meus collegas — No nosso ardente desejo de homenagear ao prof. Rubião Meira, commetemos uma falta; é bem verdade que desintencionalmente, mas, nem porisso mesmo deixamos de commettel-a.

Fomos buscal-o no aconchego intimo da familia, para trazel-o a essa ruidosa festa de estudantes.

Isto que de commum nada relata, toma, porem um caracter um tanto culposo si levarmos em conta ser hoje o seu dia de anniversario, e a um medico que passa o anno todo no exhaustivo cumprimnto de seus deveres profissionaes, resta apenas um dia, em que elle se abandona completamente aos seus num delicioso esquecimento do mundo!!!

Pois bem, foi justamente neste dia, que irreflectidamente lhe roubamos o unico momento que lhe restava de seu, fomos privar-o da companhia dulcissima de sua esposa querida, subtrahil-o ao carinho ineffavel de seus filhos idolatrados.

Exmo. prof., o virmos penitenciar-nos expontaneamente já por si só implica em perdão, quanto mais se eu vos trazer á memoria uma vossa confissão já tantas vezes feitas.

Na inauguração official de nosso curso de clinica medica, em meados de Março; em vossa casa, não ha muitos dias, quando fomos communicar-vos vossa escolha para nosso padrinho de doutoramento, em ambos esses momentos, solennes pela pragmatica, deliciosos pela realidade, fomos tocados em pleno coração pela vossa palavra ardentemente sincera; “Sois outros tantos filhos meus, caros alumnos”

Uma vez que vós nos abrigastes sob o manto da vossa paternidade espiritual, vae muito bem com os sentimentos de bons fi-

lhós, dizer-vos agora: fazei senhor professor, de como estivesseis, não ousamos dizer em vosso proprio lar, mas num prolongamento de vossa familia, cercado pelos filhos de vossa bondade.

Meus senhores, neste meio de professores de Medicina, medicos e medicos de amanhã, resaltar a figura de Rubião Meira, como professor e medico é tarefa tão difficil quão superflua.

A sua ascensão rapida e gloriosa está bem patente aos olhos de todos, já na sua significação intrinseca, já na forma brilhante de sua conquista.

Por um lado estão a proclama-la um sem numero de pessoas a quem elle supprimiu a atrocidade das dores physicas, ou agraciou mesmo com a dadi-va celeste de alguns annos mais de vida.

Por outro lado essa pleiade de medicos, que ha dez annos passa ante a magnificencia de sua cathedra, que sua bondade sem limites baixa ao nivel de seus alumnos, e o esplendor de seus ensinamentos ergue a uma altura inatingivel.

Em 2 lustros de existencia, que são os que conta a Faculdade de Medicina de São Paulo, o nosso homenageado de hoje e agora pela quinta vez foi escolhido para paranympho.

A eloquencia desses factos torna desnecessaria a menor justificação.

Mas, mestre, em abono da verdade, e para vossa propria glorificação, eu terei o desplante de vos dizer, que vossa figura de scientista e intellectual, figura que S. Paulo venera e o Brasil todo reconhece, pesou muito pouco na balança de nossa escolha.

Sim, mestre, eu vos digo de frente, a força maior de todas, a que nos persuadiu, aquella que supera ás vossas proprias prelecções, a maior de todas as li-

ções que nos daes, é a da vossa propria vida.

Lição bellissima, grandiosa, crystallina, ensinamento acertadissimo da difficil arte de viver!!

Medico do corpo, sois mais que tudo medico da alma.

Conhecedor perfeito do espirito dos jovens, percebestes, á saciedade, que para aproveitarmos vosso exemplo era de necessidade dardes constantemente á vossa vida a feição de mocidade. E assim, dentro da propria gravidade que o tempo e os innumerados affazeres duma vida intellectual vos criaram, collocastes vossa alegria de moço, sam, pura, sincera.

E, diga-se de passagem, essa mocidade vos assenta tão bem, que tenho para mim, chegaria a illudir-vos á vós proprio, se não vos desse conta do engano ao passardes por um companheiro de hontem, a quem a vida carregou de annos e de tristezas.

Mas, si é bem verdade que os annos passam tambem para vós, como chegastes a solucionar o intrigado problema da conservação perpetua da mocidade de vosso espirito?

Se me permittis eu vos respondo: — “é porque melhor que ninguem comprehendeste a verdade da palavra do apostolo São Paulo: “Transformae-vos por meio da renovação do espirito”

Que importa que o tempo vos vá vencendo paulatinamente no terreno da materia si elle não não consegue siquer embotar vosso espirito.

Pois como as cellulas organicas, na labuta eterna dos tempos, vão dia a dia renovando os tecidos vitaes, assim tambem vós dia a dia ides processando a renovação de vosso proprio espirito, de tal sorte a ostental-o hoje com aquella mesma vivacidade, aquella mesmo verdor, aquella antigo enthusiasmo!!!

Mas, se vos achaes empenhado nessa lucta desigual contra o tempo, nós que vos sabemos sobejamente curado de ambições, outro "desiderato" não vemos sinão o de exemplo a dar-nos.

Exemplo fortissimo de amor ao estudo e ao trabalho, de indiferença absoluta aos revezes da sorte, de enthusiasmo heroico pela vida!

Meus senhores, outra feição que muito nos encanta na vida de Rubião Meira é o valor altamente significativo que elle liga á amizade.

Cicero, o immortal tribuno Romano dizia: "os que tirassem da vida a amizade fariam o mesmo que se tirassem o sol ao mundo"

Desgraçadamente, a maioria dos homens, capazes de grandes realizações, passa no entanto pela vida sem fazer grandes amigos.

Se isso foi em outras éras, com muito maior razão o é agora, neste tempo de indiferença e egoismo, em que os homens logo á primeira desilusão, atur-dem-se, deixam-se possuir por sentimentos de descrença, tornam-se scepticos.

Muito a miudo topa-se por ahi com individuos que em ares de grandes sabichões apregoam que na vida os occupa unicamente o lado pratico.

Cegos de espirito, tentam commetter o supremo absurdo de materialisar aquillo que é por essencia immaterial: — a vida.

E' justamente aqui, deste nivel moral, que a figura de Rubião Meira se agiganta.

E dizei-me o que tem sido sua vida até agora sinão uma apothose brilhante á amizade?!

Carissimo mestre, este templo formoso que de ha muito vindes construindo todo elle de corações jovens, plenos de devota-

mento, transbordantes de sinceridade, esse emprehendimento magnifico e excelso, prova irrefutavel da alta capacidade que possuia de criar amigos é o que mais diz da belleza de vosso caracter.

E são suas bases tão fundamentadas, tão puros seus dictames, que não se contam os que se approximam de vós para se occultarem em vossa sombra bemfazeja, para beberem de vossos labios ensinamentos certos — rectas da razão ao dever — para se refazerem ante vossa coragem e vosso enthusiasmo.

Sois amigos do moço, a quem todos nós, moços por impulso natural e expontaneo, nos unimos, numa alliança immaterial e insolúvel — como a alliança das arvores das florestas, na profundeza, entre as raizes — ao abrigo dos ventos da discordia, longe dos ardis da calúnia.

Carissimo mestre, pela vossa saudade, ergo minha taça, e emquanto me quedo um instante a miral-a ,vem-me ao cerebro a impressão nitida e perfeita do milagre que aqui se operou.

O "champagne" evaporou-se em sua essencia deliciosa, e o que aqui resta nada mais é do que os corações de todos nós, não os corações carnaes, esses órgãos motores do sangue, mas os corações sentimentaes, elementos do mundo psychologico. e elles vão cheios de contentamento, cheios de gratidão, cheios de affecto. e elles são vossos.

Em seguida o doutorando Luiz Gonzaga Ramos de Oliveira saudou os homenageados, com as seguintes palavras:

"Caros mestres.

E' a vós em grupo na qualidade de professores que me dirijo. Permitti por isso que eu use de um estylo mais severo e menos volatil do que o collega.

Após o palavreado elegante do orador que me precedeu, que com malabarismos de rethórica, tira das palavras effeitos os mais surprehendentes onde bellas idéas são vestidas da mais impeccavel fórma, saio do silencio a que me compellem as conclusões desfavoraveis de uma analyse introspectiva, forçado pela obrigação de dar desempenho ao encargo que os meus collegas num momento talvez de insensatez me confiaram.

Se desfalleço diante da responsabilidade, anima-me ao menos a convicção de que em seis annos de intimo convivio, consegui entrever os thesouros encerrados nos corações daquelles em nome dos quaes eu fallo, e a certeza de que o meu papel é apenas de porta-voz e de mero representante da collectividade.

Representar, meus senhores, é apenas expressar aquillo que nos foi anteriormente impresso. Por isso peço-vos que desprezeis o involucro sensível das idéas que traz inevitavelmente todas as imperfeições decorrentes da natureza mesma do representante.

Peço-vos que encareis a essencia através o elemento accidental, para que possaes avaiar a sublimidade dos pensamentos que são communs a todos nós e que eu vos quero transmitir.

Os sentimentos dos meus collegas são apenas por mim reflectidos como raio de luz contra um espelho e são elles tão nobres e sinceros que talvez a simples contemplação espirital fosse mais capaz, talvez o silencio fosse mais eloquente para significá-los.

São pensamentos de moços que antes de se atirarem no atropello das refregas da luta pela vida querem agradecer a seus mestres mais queridos como soldados reconhecidos aquelles que os exercitaram no tirocinio das armas que os levaram á conquista de uma grande victoria!

Attingir um ideal é sem duvida uma grande victoria!

Não é necessaria muita reflexão nem preciso muito discernimento para encontrar o motivo pelo qual vos trouxemos a esta reunião.

Si no hospital vos testemunhamos constantemente a nossa admiração pelo vosso saber invulgar, reivindicamos aqui para nós, numa manifestação de justo egoismo, o direito de mais cordialmente nos externarmos em provas de amizade e expansões sentimentaes, elegendo este meio como o mais apto para consecução do nosso fim.

Si lá somos discipulos, aqui somos amigos; marcamos um tento na campanha de aproximação entre mestres e alumnos, ao mesmo tempo que com os beneficios do corpo procuramos as emoções da alma.

Escolhemo-vos para nossos homenageados que bem o mereceis:

Vê-se desde logo que com o vosso character disciplinado, com os conhecimentos aprofundados que adquiristes constituis um contraste flagrante com o espirito da época da supeficialidade e uma barreira inexpugnável contra o movimento que chamado arrogantemente modernismo, nada mais é em sciencia e em arte do que um utilitarismo disfarçado, symptoma nitido de decadencia moral.

Homens de vontade acerrada, mentalidades da velha tempera, opponde-vos com o vosso exemplo ao proselytismo inconsciente do novo culto de Minerva decapitada.

Bem comprehendestes que as normas adaptadas pelas escolas hoje tão em voga, desde o sensualismo e o phenominismo em todas as suas formas até o pragmatismo americano que adopta a utilidade como criterio de verdade, são filhas do menor es-

forço que subverte e retrograda dando a illusão de progredir..

Ao nosso amor ao trabalho repugna, bem o constatamos, seguir o caminho trilhado pela incapacidade intellectual revelada numa tendencia a obedecer as solicitações da lei geral da inercia que pesa sobre a materia originando a incapacidade de attingir o supra-sensível e resurgindo o materialismo sob o epitheto pomposo de psychologia puramente experimental.

Perdoem-me a irreverencia os adeptos dos credos attingidos.

Faz porem obra meritoria quem se dedicando á sciencia, procura manter o prestigio da intellecção sobre a sensação.

Foi assim que aprendemos a vos admirar?

E o vosso exemplo fructifica.

Nós os vossos alumnos queremos evolução e não demolição.

Queremos continuar a vossa obra, amparando o monumento scientifico que construistes apoiando-vos nos monolithos cyclopicos progressivamente collocados pelos nossos antepassados.

Eis o vosso traço caracteristico como intellectuaes e eis a benéfica e decisiva influencia que sobre nossa mentalidade exercestes dilatando os nossos horizontes pela instrucção objectiva e orientando os actos da nossa razão para a aquisição do conhecimento e da sciencia pura.

O vosso perfil sentimental parece contrastar com tão gigante moral.

Não podeis esconder que sois visceralmente inclinados a fazer o bem e que o vosso intimo é um relicario de bondade.

Quantas vezes representastes a personificação da caridade que se cryataliza no medico implorado para refrigerar as dores dessa humanidade soffredora a quem nunca vossos cora-

ções elevados em amphora repleta de piedade e ternura, que esgotaes até a ultima mas que milagrosamente se refaz ao primeiro appello.

E a pratica diaria desses actos moraes, constitue para vós verdadeira virtude porque são determinados pela vontade e não por um sentimentalismo morbido, muito latino e sobretudo muito tropical.

Debaixo desse aspecto não ha o que distinguir entre vós.

Sois a unidade na multiplicidade, os raios do mesmo sol, as petalas de uma mesma flor.

E nós vos quizemos assin congregados como uma pessoa unica, para que á vossa possamos unir a nossa alma em votos de solidariedade e sincera amizade.

Foi assin que os doutorandos deste anno resolveram tributar-vos homenagens especiaes.

Eu vos peço que acceiteis essas honenagens sinceras, leaes, fructo de verdadeira estima e sobretudo absolutamente desinteressadas.

Eu vos saúdo."

Levantou-se, depois, o doutor Georgides Gonçalves, que proferiu uma feliz saudação ao prof. Antonio Austregesilo.

Depois, o prof Rubião Meira, vivamente sensibilizado, fez vibrar de emoção os futuros medicos da Faculdade de São Paulo com a brilhante oração que se vae ler:

"Meus caros: não sei dizer-vos qual o sentimento que me arrebatou a alma neste momento, em que venho agradecer-vos esta homenagem a mim dirigida e aos demais professores consagrados pelo vosso carinho, que nem por tantas vezes repetida, me não deixa de commover e enternecer.

Gratidão profunda, reconhecimento extremo, alegria immen-

sa, jubilo incommensuravel, de mistura com a saudade da idade juvenil que a vossa mocidade me vem recordar, tudo isto me atordôa e me enleva nos arroubos de vossos enthusiasmos.

Sois a mocidade, o que quer dizer, sois a força; sois a mocidade, o que representa a justiça; sois a mocidade, o que significa o amor. Força, justiça e amor são os vossos emblemas; o signo impresso em vossa bandeira; o symbolo que marca o valor de vossa vida!

Sois a força — porque encarnaes a robustez, a energia, a audacia, o arrebatamento, a acção, o vigor, a efficacia, levando de vencida os vossos ideaes, ultrapassando obices e obstaculos, attingindo a realização de vossas aspirações, destruindo as pedras do caminho e impondo o vosso desejo. Tudo, baquêa deante a energia da juventude. Um grito seu levanta cohortes de combatentes, todos pugnando pelo triumpho de suas ambições.

Sois a justiça — porque ainda não vos maculastes com as torpezas da vida, e inda tendes puros os vossos sentidos das misérias da existencia. Repugna-vos não dar o seu a seu dono, como não vae comvosco enxovallar o sentimento lidimo do direito. Tendes a virtude de erguer sobre vossos hombros em esto: de applausos os que pugnam pela liberdade, pelo dever, pela honra, pela verdade, pela razão, pela lei, como tendes a coragem de expulsar os reprobros, condemnar os malfeitos, repellir os precitos, atirar na valla commum do desprezo os indignos da communhão civil e só vós sabeis praticar a verdadeira justiça, aquella que vos enche o espirito, não vos deixando seduzir pelo verbo inflammado do sacripante palavroso, mas baixando a vossa clemencia até o desgraçado humilde e miseravel,

que porfia innocente contra a perseguição dos fortes.

Sois o amor — porque sois moços e tendes dentro do vosso peito a bater o coração dos 20 annos; sois a' alegria, sois a bondade, sois a esperanza, sois a illusão. Tudo que é grande e majestoso vós representaes — na alma e no coração — gritando, uma pela vida, batendo outra pelo amor. Sem o amor, sem a amizade nada existe. Só a ternura e a caricia, a blandicia e os afagos podem conduzir o homem á victoria na existencia.

O character amoroso, que é o dos jovens, encerra só qualidades de generosidade e affeição. E' por isso que sois fortes, porque amaes; é por isso que sois justos, porque estimaes; é por isso que amaes, porque sois puros.

Vós sois o que eu já fui tambem: corri atrás da illusão, enganado com o fogo fatuo de suas miragens, e me sentei após, a beira da estrada, deixando que os annos passassem, para vos ver agora correr atras das mesmas borboletas que encantaram o meu pensamento.

Estou a assistir-vos com a alma sorridente, mas sem a ironia dos que viram morrer os seus sonhos. Os meus ainda se não desvaneceram, ainda de momentos a momentos me arrebatam e me fazem levantar e ir pressuroso atrás das mesmas aparições, que agora vós provocam.

Oxalá guardeis na vossa alma, perennemente viva, essa flor da mocidade, que deveis conservar e cultivar, porque é uma força contra a qual todos se debatem e todos recuam. Não deixeis entrar em vosso animo o espinho irritadiço e irritante da desillusão, que mata o encanto da vida. Guardae intacto os sentimentos que hoje tendes. Não vos importando com os invernos que vêm cahindo sobre vossa cabeça, ficae perennemente

moços, pouco se vos dando que o desfolhar dos annos vos traga um pouco de tristeza, algo de sombrio. Olhae os amos da Hymalaya, que estão a mostrar que a neve se dissolve tambem e o sol igualmente os banha com o fulgor de sua luz eterna.

Sêde sempre jovens, que esta é uma condição maxima de triumpho na vida. Será talvez por assim pensar que vós me encontrareis sempre comvosco, que não me agrada a roda dos velhos impertinentes, que me rio constantemente, que me sinto bem entre vós, mais velho que todos vós, mas quasi tão moço nas manifestações de espirito.

Vós é que tendes sido a minha grande arma para galgar a escada da vida. Tendes sido o corrimão em que me apoio ao subir a estrada que os annos vão marcando. E' entre vós que tenho os meus melhores amigos, porque me dizeis sempre com a sinceridade propria da juventude aquillo que pensaes, sem offender nem obsequiar. Sois a verdade.

Não podeis bem imaginar quanto me commove uma festa destas; ganho aqui mais energia, robusteço aqui meu vigor. E sabeis, tambem, que é a vós, e só a vós, que eu dou satisfação de meus actos. Character por demais independente, indisciplinado si quizerem, eu não poderia mesmo que quizesse que não quererei nunca, transmutar as minhas opiniões e as minhas attitudes, que são publicas, por causa vossa. Sois vós os que julgam com acerto e eu não quero vos melindrar retirando um pouco do encanto que meus feitos vos deixam, porque não quero magoar o vosso espirito, antes procuro sempre, guardando a mesma trajectoria, receber os vossos applausos e o carinho de vossas palavras, como acabo de ouvir-as enternecido e quasi em lagrimas, de vosso digno orador, que tão lindamente me desenha,

esquecendo meus defeitos, o pouco que eu valho, para só ralçar aquillo que de facto o sou, e muito — vósso amigo.

Ouvi, meus caros, de um dos mais eminentes oradores, que tanto me têm influido na vida, sobre a alliança entre discipulos e mestres, essa alliança que é o meu maior galardão como professor, o que, em momentos solennes, elle disse: "E só as almas dos pobres, só as almas de onde emigrou a ultima particula de grandeza moral que não vêem, e não consideram que é na alliança dos mestres e dos discipulos que reside a confraternidade das gerações successivas, a ligação das diversas camadas de mocidade, a continuidade intellectual da Patria"

Eis o que eu tenho procurado, eis o que tenho conseguido — vivo comvosco e tenho em meu peito apertado todos os moços que têm passado pela Faculdade, sem distinguir uns de outros, ariando a todos com o mesmo affecto, aconselhando a todos com o mesmo carinho, abençoando a todos com a mesma religião, que é a religião do amor e do bem.

A mocidade faz parte de minha familia; vós os filhos prodigos que não sahis do meu coração, uma vez que entrastes; vós sois a minha alegria; vós sois a minha vida. Curvo-me deante de vós, meus caros, cheio de gra'dião pela prova que vindes de dar, de que correspondeis em abundancia ao meu affecto, e levanto a minha taça para beber á vossa prosperidade, á vossa felicidade, aos vossos triumphos, entoando loas ao vosso character, bemdizendo o vosso nome, enaltecendo vossas acções, afervorando vossas orações, ungindo, com o fogo requemado de minha alegria, vossas cabeças sobre que deixo cahir em catadupas a minha bençãam paternal, para que possaes fazer a trajectoria da existencia,

applaudidos e consagrados, como cavalheiros das pugnas do bem, da justiça, da força e do amor.

A' vossa saude."

Por fim, usou da palavra o prof. Austregesilo, que, num formoso improvisado, agradeceu as homenagens que também lhe prestavam os academicos de São Paulo. O illustre professor do Rio aproveitou a oportunidade para appellar para os jovens medicos de São Paulo no sentido de sempre se esforçarem para que cada vez mais se realce e progrida a sciencia medica brasileira.

Ao terminar, o prof. Austregesilo saudou, na pessoa do prof. Rubião Meira, a sciencia medica paulista e a nossa Faculdade.

Durante o almoço, o doutorando Mauricio Pereira Lima, cantou varios trechos classicos.

A nota de espirito e graça foi dada pelo doutorando Waldemar Otero, dizendo umas poesias turcas e regendo maestralmente o hymno academico "Uba. uba."

Alem dos doutorandos, adheriram á homenagem os drs. Joaquim Penino, Paulo de Godoy, Lemos Torres, Foster Junior, Espirito Santo, J. Vieira de Macedo, Barbosa Corrêa, Jairo Ramos, Cicero Monteiro de Barros, Moura de Albuquerque, Almeida Camargo, Rodrigues Netto, J. Vieira Filho, Arthur de Santis, Gastão Fleury da Silveira, Silva Azevedo e L. Gonçalves da Silva.

“Revista de Medicina”

MAIS UM ANNO DE VIDA

Com o presente numero, a “Revista de Medicina” completa o seu decimo primeiro anno de existencia. Esse facto representa, sem duvida, um acontecimento digno de registo. Periodico mantido pelo Centro Academico Oswaldo Cruz, sociedade dos alumnos da Faculdade de Medicina de São Paulo, é facil de avaliar quanto esforço e quanto sacrificio não tem custado para os academicos a publicação ininterrupta da “Revista de Medicina” Afóra isso, é bem de ver que também não tem faltado á direcção deste periodico o apoio dos professores da Faculdade e dos annunciantes que o vêm distinguindo com o seu favor, sem o qual, certamente, não teria a “Revista de Medicina” chagado a vencer tão difficil jornada. A actual direcção da “Revista de Medicina” não pode, pois, deixar passar a oportunidade do registo deste anniversario para apresentar os seus agradecimentos a todos quantos têm cooperado para o exito desta publicação.

LIVROS RECEBIDOS

Do dr. J. F. Alvares, recebeu a “Revista de Medicina” um exemplar do “Relatorio dos doentes d’olhos tratados no hospital de Faro (Portugal)”, volume relativo ao anno de 1926.

— Recebeu também a “Revista de Medicina” o “Anuario Demographico” da secção de Estatistica Demographo-sanitaria do nosso Serviço Sanitario, 1925, volume primeiro, relativo á capital.

— Deu entrada, também, para o archivo da “Revista de Medicina” o folheto “The Rockefeller Foundation, a review for 1926, by Georg E. Vincent, president of the Foundation”

REVISTAS RECEBIDAS

A “Revista de Medicina” tem recebido os seguintes periodicos:

NOVOTHERAPIA, rua Libero Badaró, 2 e 4. São Paulo.